

A teoria da individuação de Duns Scotus

Diego Ramos Lanciote (IC)

Resumo

A partir da pesquisa precedente sobre a univocidade do ente [*ens*], investigamos aqui a questão 1 da *Ordinatio* II, d. 3, p. 1, na qual se pergunta se a substância material é individual por si ou por sua natureza. Duns Scotus propõe, em sua teoria da individuação, que a unidade do singular é distinta da unidade numérica, sendo inferior à ela, é a unidade *desta coisa* [*haec res*], mas também é a unidade própria à natureza comum [*natura communis*]

Palavras Chave: Teoria da individuação, natureza comum, unidade do singular.

Introdução

O assunto que me propus agora a investigar que é a teoria da individuação de Duns Scotus, cuja questão principal seria: como as substâncias materiais são individuadas? Scotus parece estar preocupado com as consequências teológicas do problema, por isto, ao iniciar sua questão invoca o problema da concepção da pluralidade de uma mesma espécie angelical.

Resultados e Discussão

Há nas coisas, segundo Scotus, uma unidade que é, independente de toda operação do intelecto, inferior à unidade numérica, mas que também é real, sendo, assim, própria ao singular. Também, essa unidade deve ser própria a uma natureza e, por isso, como própria a natureza, esta unidade é indiferente com relação à unidade do singular: não seria a unidade do singular que a natureza deve a unidade que é a sua. A natureza não é por si uma da unidade numérica nem múltipla em oposição a esta unidade, ela não é universal em ato, como se fosse um objeto do intelecto, nem por si particular. Isso não significa, para Scotus, que ela exista sem essas determinações todas, mas que ela não é por si nenhuma delas, pois a precede naturalmente. É pela anterioridade natural que o *quod quid est* de uma coisa é objeto do intelecto, na medida em que interessa ao metafísico assim exprimindo sua definição, segundo a verdade do primeiro modo de predicação, seja parcial (indicando o gênero ou a diferença específica) ou total (indicando a espécie), e que não há nada que seja predicado de tal modo (*in quid*) sem que inclua a quiddidade pela essência, independentemente das determinações que a seguem posteriormente. A natureza pode, então, ser indiferente tanto ao intelecto quanto ao particular ainda que no intelecto ela não seja de imediato e por si mesma universal. O que primeiro é concebido é uma natureza sem que nenhum modo seja concebido

ao mesmo tempo, tampouco aquele que é o seu no intelecto ou aquele que é o seu fora do intelecto. Então, para Scotus, o modo pelo qual concebemos a natureza não é o modo que é o seu. A universalidade advém à natureza quando o intelecto a faz objeto dele, o mesmo se dá no caso da singularidade, não é por si que a natureza é singular na realidade exterior. Assim, podemos dizer que ela é anterior ao princípio que a reduz a singularidade e, por isto, não depende dele. Da mesma maneira que a natureza recebe um ser inteligível no intelecto conferindo-a universalidade, ela possui por uma entidade própria a ela, o ser verdadeiro, na realidade exterior. Portanto, a unidade é dada em virtude dessa entidade, mas que é indiferente com relação à unidade do singular, assim fazendo com que ela possa ser posta em qualquer unidade singular, o que não significa outra coisa senão que a natureza tem uma unidade real e inferior à unidade numérica.

Conclusões

Portanto, a consequência da resolução da questão 1 é justamente a pergunta sobre o que causa a singularidade, por isto a questão 2 visa discutir qual seria esta causa interrogando se a substância material é individual por si através de alguma coisa de positivo e intrínseco, ressaltando que não poderia, como resultado da primeira questão, ser a natureza.

Agradecimentos

Sou deveras muitíssimo grato ao Prof. Dr. Márcio Damin pela oportunidade de me permitir aventurar-me na complexa estrutura de pensamento de Duns Scotus e pela orientação. Agradeço também ao Pibic/CNPq pela bolsa.

¹ Scotus, D. J. *Le Principe d'Individuation*. Paris: J. VRIN, 1992.

² Scotus, D.J. *Opera Omnia. Civitas Vaticana: Typis Polyglottis Vaticanis, 1950 -*.